



# A Santa Sé

---

**PAPA FRANCISCO**

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

***No caminho da pobreza***

*Quinta-feira, 18 de outubro de 2018*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 44 de 30 de outubro de 2018*

Foi com uma oração pelo cardeal Ernest Simoni, no dia do seu 90º aniversário, que o Papa começou a celebração da missa. O purpurado albanês — preso na noite de Natal de 1963 e libertado só em 1990, após uma vida de trabalhos forçados — estava acompanhado pelo cardeal arcebispo de Florença, Giuseppe Betori. E durante a homilia o Pontífice dirigiu-se ao cardeal Simoni, recordando a perseguição da qual foi vítima precisamente por ser cristão. Mas as perseguições, afirmou com força o Papa, ocorrem ainda hoje e também no sínodo dos bispos foram apresentados testemunhos heroicos de jovens fiéis ao Evangelho até ao martírio.

No início da homilia, Francisco observou que «na oração da coleta vimos que o Senhor, por meio de São Lucas», cuja festa se celebra hoje, «quis revelar a sua predileção pelos pobres». E «sabemos isto graças aos escritos de São Lucas: o seu Evangelho e os Atos dos Apóstolos».

Exatamente o trecho do Evangelho de Lucas (10, 1-9), proposto pela liturgia de hoje, realça que «quando o Senhor envia os seus 72 discípulos, envia-os “em pobreza”, dando-lhes conselhos de pobreza». É «a pobreza do discípulo: o Senhor quer que o caminho do discípulo seja pobre».

Se o discípulo estiver apegado ao dinheiro, às riquezas, «não será verdadeiro discípulo», insistiu o Pontífice, sugerindo que «existem três maneiras de viver a pobreza na vida dos discípulos, várias pobreza, três etapas — podemos dizer — de diversas pobreza».

«A primeira é: desapegado do dinheiro, das riquezas». Enviando os discípulos, Jesus recomenda-lhes que não levem «bolsa, nem mochila, nem sandálias» e diz: «Ide pregar com o mínimo». E, «se na labuta apostólica forem necessárias estruturas ou organizações que parecem ser um sinal de riqueza, usai-as bem». Mas sempre «desapegados». Em síntese, é preciso um «coração pobre». Com efeito, «a condição para começar o caminho do discipulado é a pobreza».

A este propósito, Francisco convidou a pensar «naquele jovem, tão bom a ponto de comover o Coração de Jesus». Aquele jovem «não foi capaz de o seguir porque possuía muitos bens e o seu coração estava apegado às riquezas». Ao contrário, afirmou o Pontífice, «se quiseres seguir o Senhor, escolhe o caminho da pobreza» e se tiveres riquezas, é porque «o Senhor as deu a ti para servir o próximo». Mas «o teu coração» deve ser «desapegado» delas. Além disso, insistiu o Papa, «o discípulo não deve ter medo da pobreza, aliás, deve ser pobre: esta é uma das várias formas de pobreza que o Senhor pede aos seus discípulos».

Depois, disse Francisco prosseguindo a sua meditação, «há outra forma de pobreza» que podemos reconhecer nas palavras de Jesus: «Ide, eis que vos envio como cordeiros entre os lobos». É «a pobreza das perseguições, os discípulos do Senhor, perseguidos por causa do Evangelho: também hoje há muitos, caluniados».

A este propósito, revelou o Papa, «ontem, na sala do Sínodo, um bispo de um país onde existe a perseguição, falou de um rapaz católico, vítima de um grupo de jovens fundamentalistas que odiavam a Igreja; foi espancado e depois atirado para uma cisterna, onde lançavam lama e quando esta chegou ao pescoço», intimaram-no: «pela última vez, renuncias a Jesus Cristo?». E ele: «Não!». Assim, «atiraram uma pedra e mataram-no». E «como todos ouvimos, isto não aconteceu nos primeiros séculos, mas há dois meses!». E «é um exemplo», afirmou Francisco: «Mas quantos cristãos sofrem hoje perseguições físicas: “Este blasfemou! À forca!”. É assim. Perseguições que persistem há tanto tempo, e o nosso irmão nonagenário poderá dizer-nos muitas coisas», acrescentou o Papa, referindo-se precisamente ao cardeal Simoni.

«Mas há outras perseguições», prosseguiu o Pontífice. A começar pela «perseguição da calúnia, das maledicências, e o cristão fica em silêncio, tolera esta “pobreza”». Sim, acrescentou, «às vezes é preciso defender-se para não dar escândalo». Há «pequenas perseguições no bairro, na paróquia: pequenas, mas são a prova de uma pobreza». E «é a segunda forma de pobreza que o Senhor nos pede: a primeira é deixar as riquezas, não viver com o coração apegado aos bens; a segunda, aceitar humildemente as perseguições, tolerá-las. Esta é uma pobreza».

Depois, Francisco explicou que há também «uma terceira forma», sugerida pela primeira leitura da liturgia de hoje, tirada da segunda carta do Apóstolo São Paulo a Timóteo (4, 10-17). Trata-se da «pobreza da solidão, do abandono: quando o discípulo, que saiu com muita vitalidade para anunciar o Senhor, também tolerou as perseguições, no fim da vida sente-se abandonado por todos». E «este trecho de Paulo, do grande Paulo que nada temia, é um exemplo desta pobreza».

A tal ponto que Paulo «escreve ao seu filho — filho espiritual — Timóteo, bispo: “Meu filho, Demas abandonou-me, Crescente partiu para a Galácia; Tito, para a Dalmácia. Só Lucas permaneceu comigo. Alexandre, o ferreiro, tratou-me muito mal: fez oposição cerrada à nossa pregação. Na minha primeira defesa no tribunal não houve quem me assistisse — o grande Paulo ficou sozinho diante dos juízes pagãos — todos me desampararam. Contudo, o Senhor assistiu-me e deu-me forças».

«O abandono do discípulo: aquele jovem de 17, 18, 20 anos — afirmou o Papa — que com tanto entusiasmo deixa as riquezas para seguir Jesus; aquela jovem que faz o mesmo e depois, com força e fidelidade, tolera calúnias, perseguições diárias, ciúmes, também pequenas ou grandes perseguições, no final o Senhor pode pedir-lhe isto: a solidão do fim».

«Penso no maior homem da humanidade, e esta qualificação sai dos lábios de Jesus: João Batista: o maior homem nascido de mulher», disse o Papa. João era um «grande pregador: as pessoas iam ter com ele para ser batizadas. Como acabou? Sozinho, na prisão. Pensai no que é uma cela, no que eram as celas daquela época, pois se as de hoje são assim, imaginai as de outrora». E João acabou «sozinho, esquecido, degolado por causa da debilidade de um rei, do ódio de uma adúltera e do capricho de uma jovem: acabou assim o maior homem da história».

Mas «sem ir tão longe — prosseguiu — muitas vezes nas casas de repouso, onde vivem sacerdotes ou religiosas que dedicaram a vida à pregação, sentem-se sozinhos, apenas com o Senhor: ninguém se recorda deles». E «Jesus prometeu ao próprio Pedro esta terceira forma de pobreza: quando eras jovem, ias onde querias; quando fores velho, levar-te-ão para onde não queres».

«A pobreza como caminho do discípulo», afirmou o Papa. Sim, «o discípulo pobre, porque a sua riqueza é Jesus. Pobre, porque não vive apegado aos bens: primeiro passo. Pobre, porque é paciente diante das perseguições, pequenas ou grandes: segundo passo. Pobre, porque entra neste estado de espírito no final da vida, que nos recorda o de São Paulo: abandonado». E «o caminho do próprio Jesus acaba com esta oração ao Pai: “Pai, Pai, por que me abandonaste?”».

«Que esta revelação sobre a predileção do Senhor pela pobreza — concluiu Francisco — nos ajude a ir em frente e a rezar pelos discípulos, por todos os discípulos, quer sejam sacerdotes, religiosas, bispos, papas, leigos: todos. Para que saibam percorrer o caminho da pobreza como o Senhor quiser».